

CIÊNCIA

Polémica Estratégia de desenvolvimento científico dos últimos 30 anos questionada pela política do Governo

Herança de Mariano Gago está a ser abandonada?

Texto VIRGÍLIO AZEVEDO
Foto TIAGO MIRANDA

Em 30 anos, o número de investigadores em Portugal aumentou 17 vezes, o investimento em ciência cresceu cinco vezes mais do que o PIB, o número de artigos publicados em revistas científicas internacionais aumentou 32 vezes, o número de patentes registadas no estrangeiro 50 vezes e quase 50% dos cientistas são mulheres (uma das maiores percentagens da Europa). A balança de pagamentos tecnológica equilibrou-se devido ao impacto da ciência na economia. Esta é a grande herança de Mariano Gago, que se tornou no primeiro ministro da Ciência português quando entrou no Governo de António Guterres, em 1995, depois de ter presidido de 1986 a 1989 à Junta de Investigação Científica e Tecnológica, a agência que antecedeu a atual Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

Mas o crescimento contínuo do investimento na investigação foi interrompido no último ano do Governo Sócrates e, desde então, tem vindo sempre a cair (ver gráficos). Está em risco a herança do antigo ministro, falecido na semana passada? Leonor Parreira, secretária de Estado da Ciência, diz ao Expresso que não (ver entrevista), porque o Governo “sempre tornou claro que prossegue uma política de investimento científico e de transferência do conhecimento para a economia e a sociedade”. E graças à evolução da ciência em Portugal nas últimas décadas “foi possível introduzir medidas para estimular a sua maior competitividade internacional”.

Críticas sobem de tom

Só que as críticas da comunidade científica à política do Governo têm subido de tom, em especial por causa da avaliação internacional dos centros de investigação em que, pela primeira vez, muitos deles ficaram sem financiamento da FCT. Carlos Fiolhais, professor catedrático de Física da Universidade de Coimbra e divulgador científico que se tem destacado nas críticas à política do ministro da Educação e Ciência, Nuno Crato, afirma que “para se ter uma política científica é necessário conhecer bem o país. Gago conhecia-o. Crato, tudo leva a crer que não. Tem apenas ideias preconcebidas e sem fundamento. Gago tinha uma visão de futuro para o país. Crato, para meu grande desgosto, não tem”.

A herança de Mariano Gago “está, sem dúvida, a ser abandonada pelo Governo. Gago expandiu o sistema científico nacional, pois sabia que a massa crítica de cérebros era indispensável ao nosso desenvolvimento. Crato encolheu a ciência, com o corte no número de bolsas e a execução sumária de metade das unidades de investigação. Gago concretizou um sistema de avaliação rigoroso da ciência, reconhecido por todos. Crato montou uma farsa de avaliação, contestada por quase todos. Gago criou um consenso alargado acerca da política de ciência. Crato partidizou a ciência”.

“Tenho muito receio que voltemos 15 a 20 anos atrás”, confessa, por sua vez Alexandre Quintanilha, professor catedrático da Universidade do Porto. A “título pessoal”, o coordenador do Conselho dos Laboratórios Associados, que reúne 26 grandes centros de investigação de excelência, afirma que “as alterações que Mariano Gago introduziu na ciência portuguesa foram feitas a um tal ritmo que as novas estruturas de investigação criadas tinham aspetos frágeis, por serem recentes”. Agora, com a política adotada pelo Governo, “esta fragilidade está a chegar quase ao ponto de ruptura e nestas estruturas, construídas com paixão e carinho, os cientistas sentem que as exigências oficiais são só de resultados e lucros imediatos”.

Carlos Fiolhais argumenta também que “não é possível Portugal aproximar-se dos países mais desenvolvidos com o investimento a diminuir”. A ciência portuguesa fez um percurso notável nas últimas décadas, “mas é preciso não esquecer o atraso que tínhamos para recuperar”. A aproximação à UE “exigia e exige um investimento continuado, mas no momento em que era necessário seguir em frente, fizemos inversão de marcha, levando à emigração de cérebros. Com a ‘poda’ de metade dos centros de investigação por um processo fraudulento de avaliação, a aposta continuada na ciência é impossível”.

A pessoa certa no período certo

Mas o coordenador do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (órgão consultivo do Governo), António Coutinho, usa outros argumentos: “Mariano Gago foi a pessoa certa no período certo, pôs a ciência portuguesa nas primeiras páginas dos jornais e teve um papel importante na ciência europeia, mas as alterações de política do Governo não podem ser vistas como oposição às políticas anteriores, porque as coisas evoluem”. E dá um exemplo: “Os cortes nas bolsas de investigação individuais foram muito contestados, mas nos países do norte da Europa essas bolsas quase não existem, porque são distribuídas aos centros de investigação e aos programas doutorais.” Gago usou as bolsas individuais “porque não havia programas nem instituições suficientes”. Alexandre Quintanilha aceita, de facto, que “governos diferentes tenham políticas diferentes”, mas alterar “o que estava a funcionar bem de uma

forma tão dramática e repentina mostra uma certa falta de bom senso e de visão do que queremos para o futuro do país”.

Um legado mundial

Agosto de 2004. A revista “Science” publicava uma carta que se tornou histórica para a ciência mundial: 52 organizações da Europa de todas as áreas do conhecimento apelavam à criação do Conselho Europeu de Investigação (ERC), destinado a apoiar a investigação fundamental de alto nível, através da atribuição de bolsas a cientistas de topo de qualquer nacionalidade. Este movimento era liderado pela Initiative for Science in Europe (ISE), dirigida por Mariano Gago. A ideia inicial do ERC partira do então ex-ministro da Ciência do Governo de Guterres, que a levava até ao fim, apesar das barreiras que encontrou. Quando fez os primeiros contactos com a Comissão Europeia, em 2003, a proposta de criação do ERC foi liminarmente recusada.

“Mas o José Gago foi à luta”, conta Rodrigo Martins, professor catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, que esteve envolvido de perto neste processo. “Ele era muito determinado, nunca desistia, era um estratega da ciência, sempre teve a visão de que os cientistas unidos eram um bloco intransponível.” E era também “muito frontal, ensinou-nos que a liberdade não se compra e a dignidade não se vende”. Rodrigo Martins, membro da Comissão de Aconselhamento do programa europeu Horizonte 2020 de apoio à ciência e inovação, recorda que Gago “lutava por ideais científicos e pela excelência, mas não os ligava a ideologias”. Por isso, “sempre teve o apoio maioritário dos cientistas que pensam diferente, porque é essa a maneira de a ciência progredir”. Desde que foram criadas em 2007, as bolsas milionárias do ERC (de um a €3,5 milhões cada), já apoiaram quase cinco mil cientistas de mais de 60 nacionalidades.

Gaspar Barreira, que fundou com Mariano Gago o Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas (LIP) em 1986, recorda que Mariano Gago “tinha uma vontade e habilidade políticas que nunca outros tiveram”. Para o investigador, Gago “foi verdadeiramente o primeiro cientista político em Portugal. “Muito seguro dos seus objetivos e dos seus sonhos, capaz de mobilizar apoios

30 ANOS DE SUCESSO

5

vezes mais do que a economia, foi o que cresceu o investimento em ciência em 30 anos. Portugal está à frente da Grécia, Espanha e Itália na despesa em investigação em percentagem do PIB

17

vezes foi quanto aumentou o número de cientistas. Quase 50% são mulheres, uma das maiores percentagens da Europa. A publicação de artigos científicos cresceu 32 vezes e o registo de patentes no estrangeiro 50 vezes

políticos para os alcançar, tinha por vezes relações tempestuosas, que suscitavam o debate, a dialética. E tenho saudades desses tempos.” Mas em muitos aspetos “era um homem solitário, que dificilmente partilhava a sua vida privada”. Por isso, muitos ficaram surpreendidos com a sua morte.

“Foi um promotor efetivo da ciência europeia e da colaboração internacional”, sublinha o secretário da Energia dos EUA, Ernest Moniz, que esteve em destaque nas negociações internacionais do programa nuclear do Irão. Amigo de longa data do antigo ministro e físico como ele, Moniz, de origem açoriana, é o primeiro a dar o seu testemunho no sítio da internet em homenagem a Mariano Gago criado pela comunidade científica portuguesa. Aí, Maria da Graça Carvalho recorda que “um dos seus últimos combates foi a criação de um grande programa europeu de ciência fundamental na área da Saúde”. A ex-ministra da Ciência e ex-deputada europeia conseguiu introduzir no Horizonte 2020 “algo que poderá ser a gênese de tal programa, com o aumento substancial do orçamento de investigação na saúde”.

vazevedo@expresso.imprensa.pt

TRÊS PERGUNTAS A

Leonor Parreira

Secretária de Estado da Ciência

■ A herança de Mariano Gago na política científica está a ser abandonada pelo Governo?

■ Não. O Governo sempre tornou claro que prossegue uma política de investimento científico e de preparação do sistema científico e tecnológico para os novos desafios de competitividade internacional e de transferência do conhecimento para a economia e a sociedade. Foi graças à evolução do nosso sistema nas últimas décadas que foi possível introduzir as medidas, necessárias, para estimular a sua maior densidade qualitativa e, portanto, a sua maior competitividade internacional. O que aliás se verificou. Quase metade (42%) dos fundos competitivos para ciência e tecnologia captados por Portugal entre 2007 e 2013 no 7º Programa Quadro da UE (FP7) foram obtidos em 2012 e 2013. Em 2014, já no Programa Horizonte 2020, a percentagem de financiamento captado já excedeu a média do FP7. Este ano foi também o melhor em bolsas do Conselho Europeu de Investigação para cientistas a trabalhar em Portugal: 17 bolsas (mais de 30 milhões de euros) o que compara com um total de 36 bolsas entre 2007 e 2013.

■ A despesa caiu de 1,46% para 1,36% do PIB entre 2011 e 2013. Como pode a ciência portuguesa evoluir e aproximar-se dos países mais desenvolvidos da UE se o investimento está a diminuir?

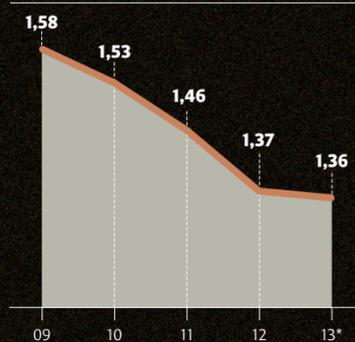
■ A diminuição começou em 2010. A melhor forma de um país continuar a aumentar a despesa é criar riqueza suficiente para não entrar em pré-bancarrotas, como aconteceu em 2011. Coube-nos a nós, em pleno período de assistência económica e financeira, reforçar a Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) — responsável por um terço da despesa pública nacional — em mais de 250 milhões de euros de fundos estruturais e aumentar o Orçamento do Estado para a FCT em 7% em 2014 e 8% em 2015. Tal facto, acompanhado por uma maior eficiência na execução dos fundos disponíveis, permitiu transferir mais financiamento para o sistema nos anos da *troika* do que em 2011. Mas o que importa é que a despesa nacional não continue a ser predominantemente assegurada por fundos públicos, como até aqui, e que as empresas aumentem a sua quota-parte, porque estamos muito longe da média europeia neste sector.

■ O acesso da ciência portuguesa aos fundos estruturais só vai ser possível a partir do verão. As negociações de Portugal com a UE nesta área foram satisfatórias? A ciência portuguesa pode viver só com o Orçamento do Estado até ao verão? ■ O Governo negociou com a Comissão Europeia 1100 milhões de euros até 2020, cerca do dobro do negociado para o período 2007-2013. A ciência portuguesa não sofrerá interrupções de financiamento e a recuperação económica já começou.

Retrato da investigação e desenvolvimento entre 2009 e 2013

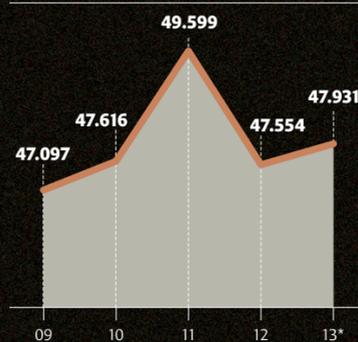
DESPESA EM % DO PIB

Totais anuais



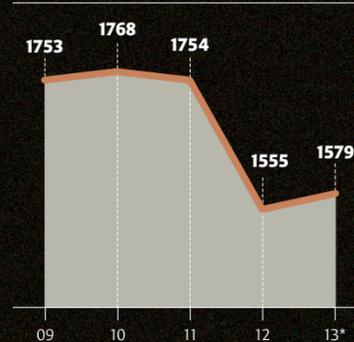
TOTAL DO PESSOAL

Em milhares



ORÇAMENTO DO ESTADO PARA A I&D

Em milhões de euros



FONTE: INQUÉRITO AO POTENCIAL CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO NACIONAL — IPTN3; OCDE, “GOVERNMENT BUDGET APPROPRIATIONS OR OUTLAYS FOR RD”

* VALOR PROVISÓRIO